

MUSIN: um projeto sobre música e ensino inclusivo na rede básica.

Comunicação

Ana Claudia de Melo Siqueira
Instituição UFRN
E-mail meloanaclaudia959@gmail.com

Aurigena da Silva Lourenço
Instituição UFRN
E-mail aurigena.lourenco.714@ufrn.edu.br

Bárbara Costa e Silva
Instituição UFRN
E-mail barbara.costa.125@ufrn.edu.br

Ila Lewtchuk
Instituição UFRN
E-mail ilalewtchuk@gmail.com

Pamella Carneiro Silva
Instituição UFRN
E-mail pamellacs89@gmail.com

Vitória Karollyne da Silva Rufino
Instituição UFRN
E-mail vrvitoriarufino-18@hotmail.com

Resumo: Este relato de experiência tem como objetivo descrever as atividades de extensão realizadas pela turma de Música e Educação Especial I, da Escola de Música da UFRN. O projeto MUSIN foi realizado para professores da rede pública básica de ensino do município de Natal/RN. O Projeto foi dividido em três partes: Uma palestra, um jogo e um material virtual (site) e foi apresentado no dia 10 de julho de 2023. O projeto teve como objetivo discutir o ensino inclusivo nas escolas e enfatizar a importância do trabalho social e coletivo de familiares, professores, alunos e de políticas públicas para que a inclusão de pessoas com deficiência e/ou com necessidades especiais tenham acesso ao ensino de qualidade. Bem como, apontar e discutir as falhas e desafios encontrados. Em conclusão, foi observado que a sobrecarga em professores e estagiários do município torna-se um grande desafio para que o ensino inclusivo aconteça. Como também observa-se que ainda existe uma certa resistência ao tema e quanto à responsabilidade

individual e coletiva relacionada ao cumprimento do nosso dever como cidadão de tornar realidade o ensino inclusivo.

Palavras-chave: educação inclusiva, rede básica, educação musical.

Desenvolvimento e contextualização do projeto

Em uma disciplina de Música e Educação Especial I, uma turma de Licenciatura em Música foi solicitada a fazer um projeto de extensão, envolvendo música e educação inclusiva. Foram levantadas discussões em sala de aula acerca do tema e das ferramentas de capacitação dos docentes, principalmente aqueles responsáveis pela disciplina de Arte/Música do município. A partir disso, começou-se a pensar e produzir o projeto, o qual foi denominado MUSIN (Música e Inclusão). Definiu-se, portanto, que a finalidade seria conscientizar a classe docente do município sobre deficiências e inclusão no ensino de música. Para tal, foram divididos três grupos na produção de três materiais diferentes: palestra, oficina e material virtual. A partir desse projeto, foram constatados alguns temas importantes acerca do capacitismo no ensino de música e na escola básica do município de Natal/RN. Segundo as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, na Resolução CNE/CEB Nº2 de 2001:

Art. 2a: Os sistemas de ensino devem matricular a todos os alunos, cabendo às escolas organizar-se para o atendimento aos educandos com necessidades educacionais especiais, assegurando às condições necessárias para uma educação de qualidade para todos (BRASIL, 2001).

Todavia, esta não é a realidade presente nas salas de aula do município de Natal. Em discussão com alunos, foi sabido que a prefeitura abriu vagas de estágio para alunos de Licenciatura, como auxiliar de sala, para acompanhar crianças com deficiências. Essa medida é provisória e não preenche as lacunas da falta de preparo na formação dos docentes. Um dos objetivos do MUSIN é fazer com que o docente tenha a experiência de estar no lugar da pessoa com deficiência através do jogo e

saber mais sobre leis e diretrizes a respeito da inclusão. Ademais, foi disponibilizado um material virtual, em formato de site, para servir de consulta, para que os presentes pudessem acessar tanto os materiais da palestra e da oficina, quanto saber um pouco mais sobre os projetos de inclusão presentes na universidade. Com isso, o presente relato de experiência tem como objetivo levantar discussões acerca da inclusão de pessoas com deficiências em sala de aula, mais especificamente no ensino de música, bem como evidenciar a importância dessa temática.

Referencial teórico

A partir da década de 90, quando aconteceu o reconhecimento da educação inclusiva como uma das prioridades no Brasil e no mundo, diversas leis e diretrizes foram criadas e reformuladas ao longo dos anos. Novas metodologias de ensino surgiram, porém a maior parte das pessoas com deficiências escolarizadas ainda se encontravam apenas em instituições especializadas. Apesar dessas instituições terem bastante importância, não podemos dizer que fazem parte de políticas inclusivas. A inclusão desses alunos no sistema básico de ensino ainda encontra barreiras, tanto estruturais quanto pedagógicas. Ademais, as leis são abrangentes e desconsideram as especificidades de cada deficiência, visto que são diversas. Uma das grandes barreiras é a falta de formações específicas para os docentes, tais formações tornam-se necessárias para que o ensino inclusivo não fique apenas na teoria.

Dentro do ensino de Arte/Música não é diferente. A adaptação de métodos e abordagens torna-se necessárias para que todos os alunos, com ou sem deficiência, tenham a mesma qualidade de ensino, pois o ensino precisa ser eficiente e abranger todas as necessidades. Por isso, às vezes, a adaptação pedagógica e curricular faz-se necessária para promover a inserção de todos os alunos ao conteúdo programático e participação em toda a aula (LOURO; ALONSO; ANDRADE, 2006). Os professores de arte/música devem estar preparados para adequar criativamente suas aulas, visando à inclusão de todos os alunos. Pensando

nisso, durante nossas aulas de Música e Educação Especial I, desenvolvemos este projeto para que inclua não só a teoria, mas que incorpore a prática.

Metodologia utilizada no projeto MUSIN

Como discutido anteriormente, o projeto foi idealizado a partir de discussões em sala, acerca de uma atividade de extensão obrigatória na disciplina. Visando a sensibilização e oferta de ferramentas para que professores da rede municipal de Arte/Música entre em contato com a inclusão em sala de aula, pensamos em três materiais diferentes: palestra, oficina de jogo e site. Na primeira fase, foram realizadas reuniões para discutir o que seria feito e tratado no projeto; dividimos os grupos para organização e produção dos seus respectivos materiais; ficou decidido, também, o nome do projeto: MUSIN (Música e Inclusão).

A palestra foi apresentada no dia 10 de julho no grupo Formação Docente Continuada Artes - FORMARTS, para professores de artes do município de Natal, no turno da manhã e da tarde. O grupo responsável pela palestra realizou um levantamento bibliográfico com textos utilizados ao longo do semestre na disciplina, bem como Leis e decretos sobre inclusão no Brasil, citando inclusive o Decreto 10.502/2020, o qual seria um retrocesso de quase 30 anos nas políticas de inclusão, pois incentivava o retorno de instituições especializadas para o ensino de pessoas com deficiência, alegando que as mesmas “não se beneficiam na educação regular”.

Além disso, o grupo levantou questões como o contrato de estagiários por parte da prefeitura de Natal para suprir a necessidade de acompanhamento de alunos com diversas deficiências nas escolas públicas estaduais e municipais. Refletiram sobre a definição da palavra deficiência encontrada em dicionário online, e convidou os professores presentes a avaliar a construção de olhares sobre a deficiência que ainda se mantêm. Abordaram o modelo médico de compreensão sobre a deficiência, onde o olhar evidencia-se na limitação dentro e própria do

sujeito. (GLAT, 2007, p. 19) Um olhar que se concentrou na restrição das habilidades e funcionalidades, que catalogou corpos, contribuindo para definir um discurso sobre a “normalização” e para o estigma social.

Segundo Diniz (2007, p 5) a “deficiência é um conceito complexo que reconhece o corpo com lesão, mas que também denuncia a estrutura social que oprime a pessoa deficiente”. E a partir de uma mudança de paradigma que se incluiu o modelo social, compreendendo que o olhar sobre a deficiência vai além das limitações e estrutura física, mas entendendo que é um resultado da interação desses impedimentos com barreiras sociais. E que impedimentos físicos, mentais, intelectuais, sensoriais são tidos como inerentes à diversidade humana e a deficiência passa a ser descrita em termos políticos e não mais estritamente em diagnósticos.

Também discutiu o fato de serem “deficiências”, no plural, enfatizando a diversidade e singularidade das deficiências existentes assim como as terminologias utilizadas ao decorrer do tempo. Louro explica que as terminologias caminham de acordo com a compreensão e amadurecimento de uma sociedade perante os valores vigentes (2012, apud SASSAKI, 2009, p 29).

Ao final da palestra, os estudantes relataram as experiências que tiveram relacionadas à inclusão. Dois palestrantes com deficiência visual falaram sobre as suas experiências e dificuldades como alunos tanto da rede básica, quanto da rede de ensino superior. Um dos palestrantes, que possui uma filha com deficiência visual, falou sobre a experiência como familiar responsável e desafios no processo de escolarização de sua filha, e duas estagiárias de sala falaram sobre a experiência que tiveram na rede pública de ensino acompanhando crianças TEA. Os relatos ao final serviram para ilustrar que a realidade do ensino inclusivo ainda se encontra muito distante da teoria.

O grupo responsável pela Oficina de Jogos realizou o “Jogo da Inclusão”, criado pelo professor Edibergon Varela, consiste em um tabuleiro de tamanho real que contém 40 casas, das quais algumas



possuem perguntas e provas práticas que simulam deficiências como a visual, a física e a motora. A oficina de jogos teve o objetivo de sensibilizar o docente quanto às deficiências, também conscientizar não só por meio dos desafios, como também através das perguntas e respostas, acerca das leis e informações de identificação. O jogo pode ser utilizado com o mesmo objetivo para alunos, podendo ser adaptado conforme a decisão do professor que decidir aplicá-lo.

O jogo tinha um dado feito por nós, pinos para marcar o lugar de cada participante no tabuleiro e objetos para a realização dos desafios. Participando três integrantes por rodada, onde cada um começava tirando o maior número no dado para saber quem iniciaria a jogada, andando pelas casas, passando pelas perguntas e desafios como: fazer um circuito com cadeira de rodas passando por obstáculos ou utilizando uma venda nos olhos e uma bengala na mão; ouvir um instrumento musical na caixa de som e identificar qual é; vendar os olhos e pelo tato descobrir qual objeto está em suas mãos, dentre outros. Aquele que não conseguia cumprir com o desafio ou responder à pergunta corretamente, com alternativas, voltada para a casa que estava antes, ganhando aquele participante que chegava primeiro ao final do tabuleiro.

A equipe de produção do site definiu o *layout* e as páginas, sendo estas: a página inicial; uma página para vídeos de depoimentos e fotos (as imagens foram retiradas do site do SEMBRAIN - Setor de Musicografia Braille e Apoio à Inclusão - e são de domínio público); e outra página com informações sobre projetos musicais inclusivos da universidade. Depois de ter escolhido a aparência e decidido à quantidade de páginas que haveriam de ser criadas, foram levantadas informações sobre os grupos de projetos de inclusão presentes na Escola de Música na universidade, para pôr na página de Projetos na EMUFRN. Ao mesmo tempo, produzimos dois vídeos, com duração de 13min37s e 19min48s, contando com depoimentos de integrantes dos grupos acerca da inclusão e de suas trajetórias acadêmicas, esses depoimentos foram gravados pela equipe responsável pelo site e os entrevistados (alguns entrevistados são

integrantes do projeto MUSIN), que permitiram que suas imagens fossem utilizadas para o site e para pesquisas através de um termo de consentimento livre e esclarecimento. Todos esses arquivos foram adicionados à página de Fotos e Depoimentos. Também foi criada a logo do MUSIN (figura 1).

Figura 1: Logo do projeto MUSIN



Fonte: Dos autores (2023)

Na Página Inicial (figura 2) ficaram a descrição sobre o projeto de extensão e a logo do projeto, além de dois botões para acessar o slide da palestra e o arquivo *pdf* da oficina (figura 3).

Figura 2: Foto do site do projeto MUSIN



Fonte: Dos autores (2023)

Figura 3: PDF Jogos da Inclusão para download disponível no site Musin



Fonte: Dos autores (2023)

Por fim, foram realizados testes e devidas correções. O site foi apresentado no dia do evento e os espectadores puderam acessá-lo através de um *QRCode* criado pela equipe.

Resultados e Discussões

No dia 10 de julho de 2023, das 08h30min até às 11h30min e das 13h30min até às 16h30min, foi colocado em prática o projeto MUSIN. Inicialmente, foi apresentada a palestra, em seguida a mostra do site e dos vídeos, e por fim realizado o jogo da inclusão com os docentes, tanto no período da manhã quanto no período da tarde. Ao todo foram 42 docentes do município que presenciaram o projeto, divididos entre professores de música, artes visuais, plásticas, teatro e dança.

Durante a apresentação da palestra, na parte da manhã, foi iniciado - por parte dos docentes - um debate relacionado ao desgaste que a classe dos mesmos vem sofrendo ao longo dos anos. Foram apresentados alguns argumentos de como existe uma sobrecarga ligada à presença de alunos com deficiências dentro da sala de aula, bem como a falta de políticas públicas que auxiliem na rede de apoio na escola.

Alguns argumentos apresentados eram de que: (i) a teoria da inclusão poderia ser “incompatível” com a prática; (ii) havia a dificuldade de ter que lidar com vários alunos com deficiências e transtornos em uma mesma sala de aula; (iii) havia falta de recursos para desenvolver materiais adaptados, bem como a falta de preparo na formação acadêmica dos mesmos. Apesar de argumentos válidos, algumas colocações foram feitas de forma a velar suas responsabilidades para com a educação inclusiva.

Isso mostrou uma fragilidade relacionada ao ensino inclusivo no município, assim como provocou discussões extremamente relevantes sobre como a inclusão não é um papel único da escola e/ou do corpo docente. Deve ser tratada como uma responsabilidade social-coletiva, da família, de políticas públicas que possibilitem a inclusão e do próprio aluno com deficiência.

Na apresentação da palestra no turno vespertino, houve também um breve diálogo durante a palestra por parte dos docentes sobre dificuldades e desafios vividos no âmbito escolar. Alguns docentes relataram dificuldade sobre o tempo de duração das aulas para abordar o conteúdo e conseguir ao mesmo tempo, administrar o mesmo conteúdo de uma forma adaptada para alunos com necessidades especiais. Apontaram também o desafio existente da diversidade subjetiva de cada aluno no processo de aprendizagem. E adaptações metodológicas diversas que precisam estar em constante criação e modificação, pois dentro de um mesmo diagnóstico de uma deficiência similar, cada aluno possui uma subjetividade e cognição singular.

Estes relatos demonstram a necessidade do diálogo sobre suas realidades, a importância de avaliar criticamente o que está acontecendo e o que pode ser feito a partir de novos entendimentos e atualizações necessárias. O projeto Musin recebeu um convite para patrocínio de uma empresa privada, para ser apresentado em escolas da rede municipal de Natal e pretende ter continuidade em 2023.2.



Conclusão

Levando em conta o processo de elaboração do projeto, as discussões levantadas durante o semestre e durante a ação de extensão do MUSIN, podemos perceber que o assunto relacionado à inclusão ainda é um terreno a ser explorado e semeado, uma vez que ao se tratar deste tema, existe uma certa resistência e incertezas que acabam influenciando na isenção de suas responsabilidades sociais e acadêmicas. Essa experiência tornou nítida a importância de projetos como o MUSIN, no quesito de que essas discussões devem ocorrer com mais regularidade. Constatamos que existe uma carência na formação de novos e antigos docentes da rede básica de ensino, bem como a necessidade de auxiliares de sala para dar uma melhor atenção aos alunos com deficiências e assistência aos professores; que o aprendizado coletivo através de discussões, jogos e ferramentas virtuais podem ser benéficos para os alunos, familiares, atuais e futuros docentes. Embora a teoria seja relevante, apenas o conhecimento não é suficiente para a sociedade como um todo, precisamos colocar em prática as ferramentas apresentadas e ter mais sensibilidade ao próximo, pois, a inclusão é um papel coletivo de todos nós.

Referências

ADAMEK, Mary S. e DARROW, Alice-Ann. *Music in special education*. USA: The American Music Therapy Association, 2008.

BEZERRA, Edibergon Varela. *Jogo da Inclusão*, 2023.

GLAT, Rosana. *Educação Inclusiva: cultura e cotidiano escolar*. Rio de Janeiro: editora 7 Letras, 2007.

LOURO, Viviane dos Santos; ALONSO, Luís Garcia; ANDRADE, Alex Ferreira de. *Educação musical e deficiência: propostas pedagógicas*. São José dos Campos, SP: Ed. do Autor, 2006.

LOURO, Viviane dos Santos. *Fundamentos da aprendizagem musical da pessoa com deficiência*. 1ª edição. São Paulo: Editora Som, 2012.

